



INSTITUTO DE HUMANIDADES
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

ISAAC SILVA MAGALHÃES

***GRINDR*, PADRÕES E EXCLUSÕES: UMA ANÁLISE DAS FERRAMENTAS DE
DESCRIÇÃO E INTERAÇÃO NO APLICATIVO DE RELACIONAMENTO
HOMOSSEXUAL**

REDENÇÃO/ACARAPE

2022

ISAAC SILVA MAGALHÃES

GRINDR, PADRÕES E EXCLUSÕES: UMA ANÁLISE DAS FERRAMENTAS DE
DESCRIÇÃO E INTERAÇÃO NO APLICATIVO DE RELACIONAMENTO
HOMOSSEXUAL

Projeto de Pesquisa apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso
para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades pela
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira.

REDENÇÃO/ACARAPE

2022

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	4
2. PROBLEMATIZAÇÃO	6
3. JUSTIFICATIVA	8
4. OBJETIVOS	11
4.1 Objetivo geral	11
4.2 Objetivos específicos	11
5. REFERENCIAL TEÓRICO	12
5.1 Uma breve história das relações gays	12
5.2 Sociabilidades Homoafetivas masculinas no meio digital.	14
5.3 A pesquisa no digital por Marie-Anne Paveau	16
6. METODOLOGIA	20
7. CRONOGRAMA	22
REFERÊNCIAS	23

1. INTRODUÇÃO

O Grindr é um aplicativo do tipo rede social, lançado em 2009 pelo americano Joel Simkhai. Opera na lógica *location-based-real-time*¹, ou seja, os usuários são apresentados de acordo com a localização, que segue a ordem dos mais próximos aos mais distantes. O aplicativo surge, excepcionalmente, com o objetivo de promover interações entre diversas formas identitárias e sexuais (transgêneros e bissexuais). Contudo, percebemos uma maior adesão e utilização por parte do público gay, por isso classificamos como um aplicativo para encontros e relações entre homens cis gays. Podemos dizer, consonantes a TRAN (2021)², que “embora possa ser usado para outros fins, a conotação em torno do aplicativo é centrada em sexo e interações sexuais entre estes” (TRAN, 2021), estando disponível para as diferentes plataformas: iPhones, iPod touch, iPad, Blackberry OS, como também no sistema Android e seus aparelhos móveis com a capacidade de geolocalização.

Podemos relacionar às características apontadas acima, com o crescente uso das redes sociais, principalmente com o advento do distanciamento social causado pela COVID-19, e o compartilhamento das mais diversas mídias, para revelarmos o caráter central que estes aplicativos vêm ganhando em nossas relações sociais desde a explosão da WEB 2.0, no início dos anos 2000 (PAVEAU, 2021). Dessa forma, é inevitável não pensarmos em interações sociais, atualmente, sem englobarmos essas tecnologias. A inserção massiva dentro desses ambientes digitais tem gerado diferentes transformações nas interações sociais, acarretando o interesse de pesquisadores(as) dentro desse universo e dessas novas produções.

Em vista disso, a analista do discurso de linha francesa, Marie-Anne Paveau (2021), postula a noção de discurso nativo digital, que se caracteriza enquanto produções elaboradas de forma on-line e que não existem fora delas. O aplicativo Grindr é uma dessas formas de discursos atuais, que só ocorrem neles e por eles. No entanto, assumimos, assim com essa autora, que essas interações coexistem dentro da sociedade, não podendo mais falarmos em algo “virtual” e “não virtual”. Por isso, centramos nesta pesquisa, a problematização das ferramentas que compõem esse ambiente digital de interações; entendendo que elas são “formas de representações externas que intervêm nas elaborações cognitivas” (PAVEAU, 2021, p. 51).

¹ Em tradução livre: baseado em localização em tempo real.

² TRAN, Raymond. Grindr's Hookup Culture Brings More Pain Than Pleasure. The Guardian - University of California - San Diego. Disponível em: <https://ucsdguardian.org/2021/10/10/grindr-hookup-culture-brings-more-pain-than-pleasure/>. Acessado em: 23 nov 2021.

Ou seja, o ambiente digital não é mais algo externo, mas algo que modula nossas produções. Reafirmamos, portanto, que a dicotomia entre virtual e real não faz sentido nessas interações.

Dessa forma, esta pesquisa se dará no ambiente virtual do Grindr, como o objetivo de compreender a percepção de como as novas tecnologias da comunicação online são capazes de reelaborar, reestruturar e ressignificar os atores sociais e a produção de cultura. Nesse sentido, o objetivo desta etnografia virtual é a compreensão da possibilidade da internet e a implicação de seus usos que, neste caso, parecem reforçar padrões sociais desejáveis e, conseqüentemente, exclusões.

Por fim, cabe aqui apresentarmos como o presente projeto de pesquisa se estrutura através dos seguintes tópicos: **Justificativa**, na qual discorreremos acerca do percurso de formação deste objeto de pesquisa; a **Discussão Teórica**, na qual debateremos sobre o percurso histórico das relações homossexuais (GREEN,2019), sobre os estudos contemporâneos nas interações gays em ambiente digital (MISKOLCI, 2017) e dialogando com a Análise do Discurso Digital (PAVEAU, 2021); em diante, apresentaremos nossos **Objetivos**, gerais e específicos; na **Metodologia** buscaremos contemplar nossos objetivos, a fim de alcançar resultados que comprovem, ou não, as hipóteses levantadas anteriormente; já no **Cronograma**, tentaremos atender ao prazo de um ano, data estipulada, mais ou menos, como padrão das pesquisas desenvolvidas em uma graduação de Antropologia; e por fim, nossas **Referências** que são essenciais para esse trabalho.

2. PROBLEMATIZAÇÃO

Os aplicativos de interação online surgiram na indústria de dispositivos móveis como uma ferramenta para conectar pessoas e facilitar a formação de relacionamentos ou encontros casuais. O Grindr é um desses aplicativos e faz parte de uma tendência entre os homens, que tendem a se envolver com novas tecnologias e interagir intensamente entre si em ambientes virtuais. Inegavelmente existem algumas facilidades associadas ao uso de tais aplicativos. Cabe mencionar que o uso de aplicativos, como o Grindr, pode economizar tempo, fornecer um maior nível de privacidade, anonimato e relativa segurança (dentro de um ambiente virtual) e permitir que o usuário se envolva com muitos usuários simultaneamente:

Populares no país a partir da década de 2010, tais programas combinam processamento algorítmico, geolocalização e indicadores pessoais para que os/as usuários/as procurem pessoas para se relacionar. A geolocalização lhes confere um diferencial tecnológico em relação aos demais ambientes digitais para fins de relacionamento (*chats*, sites, outras redes sociais), pois possibilita a rápida procura de parceria, bastando ter um *mobile* conectado à internet (CAVALCANTE DOS SANTOS, 2021, p. 1).

Desta forma, o presente projeto de pesquisa tem como objetivo principal explorar as estratégias de auto apresentação (descrição e interação), bem como os processos de construção de perfis individuais na rede online Grindr, na medida em que objetivamos investigar as formas auto representação e interação. Nesse sentido, "o conceito de masculinidade hegemônica ajuda a determinar como certos grupos de homens exercem versões dominantes da masculinidade ocupando e sustentando relações de poder pela legitimação e reprodução social" (DUTRA & ORELLANA, 2017, p. 146) que, neste caso, se dá através do aplicativo de comunicação online, Grindr.

Compreendendo as interações que Grindr proporciona, bem como o ambiente que o compõe, buscaremos responder a uma pergunta geral que nos motiva a essa pesquisa: As ferramentas de descrição e interação do aplicativo gay Grindr podem vir a fortalecer padrões e levar a um mecanismo de violência e/ou exclusão para os usuários? Todavia, buscaremos responder a outras perguntas específicas: Quais ferramentas de descrição e interação o aplicativo Grindr disponibiliza? Quais dessas ferramentas de descrição e interação apontam para uma fortificação de performances? Quais ferramentas de descrição e interação levam a uma violência e /ou exclusão?

Acreditamos, ainda de forma hipotética, que as ferramentas de descrição e interação do aplicativo de relacionamento gay, Grindr, funcionam como mecanismos para fortalecer padrões e, por consequência, levar violência e/ou exclusão para seus usuários. Possivelmente,

encontramentos ferramentas descritivas (corpo, altura, peso, porte físico, preferências, autodescrição e “nomes”); Ferramentas de “ações” (bloqueio, chamar, favoritar, envio de mensagens) e ferramentas de filtragem (por local, por preferências e descrição). Ainda no campo das hipóteses, acreditamos que esse estudo pode nos demonstrar que a maioria dessas ferramentas de descrição do Grindr são pensadas para fortalecer padrões e que as ferramentas de ações (como o bloqueio) e de filtragem podem vir a ser uma violência contra corpos que não estão dentro de um padrão.

3. JUSTIFICATIVA

O contexto histórico no qual se inserem as relações homoafetivas masculinas em território brasileiro, bem como em âmbito global, é marcado por intensas medidas que buscam inibir quaisquer atividades que ameacem a estrutura heteronormativa dominante. Esse cenário de regulação dessas relações, tidas como desviantes, ocorre desde os primórdios da formação da sociedade brasileira, como descrito por James N. Green (2019), em sua obra intitulada *Além do Carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. Através de seus estudos, Green (2019) faz uma análise sociológica e histórica acerca da cultura homoafetiva masculina nas grandes metrópoles brasileiras, São Paulo e Rio de Janeiro, na tentativa de demonstrar como essas relações durante o período do século XX eram fortemente criminalizadas e diretamente ligadas à prostituição e propagação de doenças sexualmente transmissíveis.

Nesse sentido, Green (2019) pontua que a cautela na prática dos atos considerados homossexuais se tornou um dos principais pontos para a existência destas relações à sombra das noites, quartos alugados em zonas de prostituição, cinemas, banheiros, cortiços, em suma, lugares considerados “discretos”. Contudo, até mesmo essas atividades passaram a ser perseguidas pelo Estado, que a todo momento buscavam quaisquer desculpas para prender esses indivíduos.

Essa breve contextualização histórica acerca das relações homoafetivas masculinas se faz de extrema importância para a compreensão de um novo contexto que se forma a partir da explosão tecnológica em 1990, em outras palavras, a introdução da Web 2.0 (PAVEAU, 2021). Com esse cenário de desenvolvimentos técnico-informacionais, tais atores sociais passaram a buscar espaços cada vez mais discretos, na tentativa de manter olhares discriminatórios longe do exercício do desejo. Assim, com a chegada da Web 2.0 e sua infinita gama de aplicativos, o espaço urbano e material deixa de ser o único capaz de proporcionar essas interações, tendo em vista que no caso das relações homoafetivas muitas vezes o espaço físico não é uma opção segura, como apresenta Green (2019).

É possível pensar em um aumento considerável do uso de meios eletrônicos no auxílio das interações sociais; computadores, aparelhos eletrônicos, as redes sociais e aplicativos passaram a ser fortemente utilizados por homens gays que buscavam manter relações afetivas de forma a não denunciar essas práticas. Segundo informações do site TechTudo³, o Grindr, aplicativo que pretendemos analisar, possui uma média de 3,8 milhões de usuários diários. Estes

³ Disponível em: <https://bitly.com/YPGIbM>. Acessado em 01 nov 2021.

dados mostram como essa forma de se relacionar se configura como uma importante ferramenta dentro desta subcultura (termo utilizado por Green (2019) para classificar as manifestações homoafetivas) passando então a despertar o interesse de diversos pesquisadores na área. A exemplo, podemos citar a obra de Richard Miskolci (2017) *Desejos digitais: Uma análise sociológica da busca por parceiros on-line*, que explora este universo marcado pela não exposição como premissa básica para interação e efetivação de relações afetivas/sexuais.

Tendo como base as contribuições destas obras nos estudos das relações gays, desde uma perspectiva histórica até a sua nova configuração dentro dos espaços virtuais, nossa pesquisa buscará contribuir na compreensão das relações afetivas gays em ambiente digital. Em específico, teceremos um olhar crítico sobre as ferramentas de descrição e interação do aplicativo de relacionamento social móvel voltado para homens gays, o GRINDR.

Para isso, conforme apontado acima, na problematização, lançamos algumas perguntas que nortearão nosso trabalho. São as seguintes: as ferramentas de descrição e interação do aplicativo gay Grindr podem vir a fortalecer padrões e levar a um mecanismo de violência e/ou exclusão para os usuários? Sendo o GRINDR um dos aplicativos de relacionamento mais populares entre o público gay, se faz de extrema importância buscarmos analisar esse novo ambiente, que se constitui atualmente como uma ferramenta quase que indispensável e obrigatória para homens gays que desejam se relacionar intimamente com outros homens. Acreditamos, de forma hipotética, que as ferramentas de descrição e interação do aplicativo Grindr funcionam como mecanismos para fortalecer performances e, por consequência, levar violência e/ou exclusão para seus usuários.

Compreendendo a complexidade destes meios digitais e da sua convergência direta com a sociedade, acreditamos que eles possam ser capazes de reproduzir inúmeras mazelas que permeiam a nossa cultura brasileira: machismo, racismo, homofobia, gordofobia, padronizações de estereótipos etc. Logo, analisar as ferramentas disponibilizadas pelo aplicativo Grindr se faz de extrema urgência, já que estudos anteriores, como os já citados, ou até mesmo outras pesquisas que se propuseram a estudar relacionamentos gays dentro do mesmo aplicativo, não observaram nas ferramentas uma rica fonte de análise na compreensão de vários dos atos que ali ocorrem.

Na busca de melhor interpretar esse ambiente digital, recorreremos aos estudos da pesquisadora e analista do discurso Marie-Anne Paveau (2021), em sua obra *Análise do discurso digital: dicionários das formas e das práticas*. A linguista, que propõe um estudo transdisciplinar dos discursos nativos digitais, intercala várias áreas do conhecimento para propor uma análise pós-dualista do ambiente. Para a autora, o ambiente já não deve ser mais

um pano de fundo para as produções discursivas dentro de uma sociedade, esse ambiente digital é, para ela, capaz de intervir diretamente em nossas construções de pensamentos. E é com base na autora que notamos que os outros trabalhos, já mencionados, analisavam o aplicativo de uma forma dualista, colocando os sujeitos como únicos e responsáveis pelas ações praticadas dentro dele, como se esse ambiente não fosse capaz de intervir nessas produções.

Além de compreender o ambiente no qual essas novas sociabilidades homoafetivas se dão, e analisar como as ferramentas de descrição e seleção de parceiros se edifica, essa pesquisa justifica-se pelos múltiplos significados que essas interações virtuais reverberam nas plataformas digitais: dessa forma, reiteramos que tais relações precisam ser analisadas sob um viés qualitativo a fim de possibilitar uma integração com as diversas ferramentas que compõem esses ambientes, que por consequência, interferem nas construções sociais.

4. OBJETIVOS

4.1 Objetivo geral

Analisar, por meios etnográficos e discursivos, as ferramentas de descrição e interação do aplicativo GRINDR, a fim de verificar possíveis fortalecimento de padrões, discriminações e/ou exclusão.

4.2 Objetivos específicos

1. Acompanhar usuários do Grindr e analisar quais formas de interação e autorepresentação são utilizadas;
2. Investigar quais ferramentas de descrição e interação o Grindr disponibiliza para seus usuários; - Categorizar as ferramentas disponibilizadas pelo Grindr para os seus usuários entre: ferramentas interação; ferramentas auto-descrição; ferramentas de ações;
3. Verificar como tais ferramentas, já categorizadas, podem fortalecer padrões hegemônicos;
4. Examinar como as ferramentas podem desencadear violências, exclusão e estigmas ao notabilizar tipos/características ideais.

5. REFERENCIAL TEÓRICO

5.1 Uma breve história das relações gays

Compreender o contexto histórico no qual se insere as relações homoafetivas em território brasileiro se faz de extrema importância na construção deste projeto de pesquisa. Para tal, adotamos como base teórica nesta empreitada a obra *Além do Carnaval* (2019) do pesquisador estadunidense James N. Green. A pesquisa, publicada em 1999 no Brasil, compreende a tese de doutorado de Green, apresentada em 1996 nos Estados Unidos.

Como exposto por Renan Quinalha em seu prefácio, o objetivo principal do livro é analisar a ascensão das subculturas homossexuais no Rio de Janeiro e em São Paulo, este se destaca como referencial no que tange a produção de conhecimento nas mais diversas áreas, sobre homossexualidades e masculinidades em território nacional, ultrapassando os campos da historiografia. Dessa forma, no intuito de filtrarmos as informações apresentadas no livro, nossa análise se concentrará em abordar o capítulo 02 intitulado *Sexo e Vida Noturna*.

Como mencionado, iremos centrar nossa análise inicialmente no capítulo 02 da obra de Green (2019), por compreender, que este aborda questões essenciais no entendimento de como se fundamenta as relações homoafetivas masculinas em contexto carioca e paulistano nos anos de 1920 a 1945, períodos de profunda transformação em âmbito social em território nacional.

Logo, o capítulo em questão desponta por introduzir toda a grandiosidade que se edificava no Rio de Janeiro através de suas construções exuberantes e estilo de vida cada vez mais ligados às cidades europeias. Edifícios como o Teatro Municipal, Largo da Lapa, Cinelândia, entre outros, encantavam estrangeiros e acomodavam o *glamour* da elite carioca da época. Mas, para além disso, tais territórios acabam por abrigar relações pouco visíveis até então. Assim, atividades homoafetivas passam ser recorrentes nesses espaços, mas sempre guiadas pela descrição, como descreve o autor:

À noite, deixavam-se ficar ao lado dos postes, demoravam-se nos bancos dos parques, trocavam olhares desejosos e, depois, retiravam-se para as sombras de edifício ou para um quarto alugado na zona de prostituição do bairro vizinho da lapa, ou nas pensões ao redor da Praça Tiradentes, jamais perturbando a superfície da vida social glamorosa do rio de janeiro. (GREEN, 2019, p. 132)

Todavia, mesmo o sigilo sendo uma peça fundamental no exercício deste desejo, ações de repreensão policiais nestes espaços acabavam por serem recorrentes entre esses indivíduos que ameaçavam a moral da época. Green (2019), ao longo do capítulo elenca inúmeros

episódios de prisão, baseado em estereótipos sociais que ligavam a homossexualidade a características femininas.

É possível que a polícia apenas visasse homens vestidos de forma extravagante ou obviamente efeminados, que andassem pelas ruas do Rio de Janeiro, nas conhecidas áreas de interação homossexual. A representação exagerada desses homens nos registros criminais indica que eles eram mais suscetíveis de serem presos. A prisão deles, por sua vez, estava de acordo com os estereótipos sociais que equiparavam a homossexualidade com a efeminação. (GREEN, 2019, p. 142)

Para além da atuação policial, a medicina acaba por fundamentar um campo de extremo prestígio, no que diz respeito aos estudos de indivíduos/relações homossexuais, bem como a sua descriminalização/patologização. Estudos ligados ao laboratório de Antropologia criminal, realizavam inúmeros procedimentos na tentativa atestar o "exercício" da homossexualidade a características físicas, reforçando visões estereotipadas, como as mencionadas acima, por exemplo.

Compreendendo como essas relações se estruturam no cenário carioca, Green (2019), estende sua análise para o território paulista do século XX, na tentativa de expor as várias nuances que compõe a atividade homossexual masculina nestas cidades. No entanto, nosso trabalho recorre ao autor pela necessidade de ter um olhar mais apurado para as violências contra homossexuais em áreas urbanas. Para isso, nossa intenção é compreender como as relações homoafetivas masculinas, em dado percurso histórico, seguiram marcadas por constantes repressões, neste sentido as constatações encontradas em *Além do Carnaval* elucidam perfeitamente tais violências.

Com base no percurso exposto neste tópico, a partir da obra de Green (2019), pudemos constatar o quanto durante um longo período da história brasileira as relações afetivas entre homens se utilizavam fortemente dos diversos locais que compunham os espaços urbanos das mais diversas cidades de nosso território, noção perceptível no caso carioca exposto pelo autor. Todavia, tais relações se mantinham operando, mesmo em locais públicos, de forma extremamente cautelosa no intuito de manter sua existência longe da forte coerção e violência do período.

Em contraposição a este cenário urbano, que caracteriza o universo das cidades, uma nova realidade é introduzida com a explosão tecnológica de 1990. Com a introdução da Web 2.0, relações afetivas, que anterior a este período viam no meio material (praças, pensões, prédios, etc.) a única possibilidade de existência, passam a utilizar o meio virtual como um novo aliado para o exercício de suas sexualidades. Assim, na tentativa de compreender como

as relações homoafetivas se fundamentam nesses novos espaços, discutiremos pontos da obra *Desejos Digitais* (2017), de Richard Miskolci.

5.2 Sociabilidades Homoafetivas masculinas no meio digital.

Desejos Digitais, lançado em 2017, trata-se de uma pesquisa de caráter etnográfico do sociólogo brasileiro Richard Miskolci, professor associado ao programa de pós-graduação em sociologia da Universidade Federal de São Carlos. Desenvolvida nas cidades de São Paulo e São Francisco (EUA), a obra tem o intuito de analisar como as mídias digitais passam a auxiliar a interação entre homens que desejam, de alguma forma, se relacionar com outros homens.

Nesse sentido, em seu capítulo inicial, intitulado *Introdução à sociologia do desejo*, Miskolci (2017) faz um longo percurso histórico para fundamentar sua análise. Para isso, o autor observa como se deu o processo criação da internet, em 1969, até a explosão da WEB 2.0, em 1990, e como isso acabou por moldar nosso cotidiano. Com base nesse novo cenário de constante inovação, o sociólogo evidencia que já no final dos anos 2000, essas novas tecnologias tornam-se aliadas na interação de indivíduos homossexuais que têm seus desejos marcados como impróprios.

Dessa forma, ele constitui os seus objetivos com a obra, que busca não somente explorar as novas mídias digitais, e como elas passam a ser utilizada na afetividade homossexual masculina, mas também compreender as várias interfaces que circundam essa utilização, tendo em vista a várias noções políticas e culturais que a compõe. Outro fator importante dentro da pesquisa de Miskolci (2017), é a observação de como esse novo espaço possibilitou para esses homens uma noção de segurança e capacidade de negociar suas visibilidades. Tal premissa, torna-se um atrativo para inúmeros usuários, como expõe o sociólogo - e é nesse ponto que nossa pesquisa dialoga com os achados do autor.

Talvez o maior atrativo da internet tenha sido a possibilidade de criar contas de forma anônima e autônoma, a partir de interesses individualizados, o que provia uma sensação de segurança para pessoas que temiam os riscos de serem socialmente reconhecidas - e sobretudo perseguidas - por interessarem por outras do mesmo sexo. (MISKOLCI, 2017, p. 83)

Essa noção, de segurança e sigilo, percorre por grande parte da pesquisa desenvolvida. Interlocutores do autor evidenciam como o meio digital permitiu que relações afetivas, antes quase impensáveis, com outros homens, pudessem ocorrer de forma rotineira, sem que esses atos viessem a ser reprimidos socialmente. Além disso, o universo on-line possibilitou a esses

usuários um distanciamento de locais de socialização ligadas à cultura homossexual, que socialmente carregam consigo uma visão pautada no preconceito.

O autor destaca, ainda, como o regime heteronormativo é extremamente enraizado em nossa formação social. O preconceito e discriminação entre sexualidades tidas como desviantes são recorrentes dentro da visão heteronormativa que fundamenta a visão moral da sociedade brasileira. Colocando esses sujeitos em um espaço de escassez e violência, no que diz respeito às garantias básicas de seus direitos civis. (MISKOLCI, 2017, p.164)

Dessa forma, o sigilo torna-se um aliado desses sujeitos que devido ao medo e a pressão social acabam por incorporar em sua rotina uma espécie de vidas paralelas na busca por atender seus desejos sexuais, o famoso anônimo-pseudonimato (*impersonation* ou *masquerade*)⁴. Criando, a partir do universo digital, uma forma de socialização longe do controle moral da sociedade. Essa realidade, marcada pela restrição, é exposta pelo autor a partir da fala de seus entrevistados, quando ele evidencia que:

O cenário atual em que homens buscam parceiros do mesmo sexo por mídias digitais facilitou a relações homossexuais sem modificar o local que elas ocupam em nossa sociedade. O uso das mídias se dá - sobretudo - pelo fato que elas permitem relativo anonimato e, assim, a manutenção de relações homossexuais sob sigilo. (MISKOLCI, 2017, p. 53-54)

A partir do exposto, podemos perceber como o universo digital veio como um facilitador dessas relações. Atuando como um meio alternativo para a existências dessas práticas, que durante um longo período só poderiam existir na escuridão das noites, devido ao preconceito fortemente presente em nossa sociedade. Assim, nosso projeto busca em *Desejos digitais* (2017) a compreensão de como o meio digital forneceu um espaço de “segurança” para as relações homoafetivas entre homens gays.

Nosso próximo tópico de discussão será baseado nos estudos de Marie-Anne Paveau, uma linguista francesa que recentemente teve a tradução de seu livro *L'analyse du discours mamérique* publicado no Brasil. Na obra a autora discute, a partir de uma nação ecológica e pós-dualista da ciência, como o meio digital influencia diretamente em nossas relações. Para nossa pesquisa, se torna de extrema importante entender as relações homoafetivas a partir desse ambiente, ao entendermos que as suas ferramentas são moldes de comunicação. Por isso adotamos uma noção ecológica proposta pela francesa.

⁴ Esses termos serão discutidos com mais profundidade no próximo tópico.

5.3 A pesquisa no digital por Marie-Anne Paveau

Dando continuidade nossa fundamentação teórica, como mencionado no tópico acima, abordaremos nesta seção um pouco sobre a obra *Análise do discurso digital*, da analista do discurso Marie-Anne Paveau. Originalmente lançada em 2017, com título *L'analyse du discours mamérique* e traduzida em 2021 para o Brasil, a obra corresponde a um dicionário integrado por 31 verbetes, que apresentam uma abordagem pós-dualista e ecológica do ambiente digital, como também dos discursos produzidos nestes ambientes.

Logo, a obra se justifica através da necessidade de se fundamentar novos conceitos/métodos para esse universo que compõem os discursos nativos digitais⁵. Diante do exposto, selecionamos alguns verbetes que acreditamos que sejam fundamentais para guiar nossa pesquisa: *Ambiente*, *Análise do discurso digital* e por fim *ciberviolência discursiva*

Inicialmente, Paveau (2021) nos apresenta que estamos vivenciando, inegavelmente, uma revolução digital. Seus argumentos são de que as tecnologias criadas estão cada vez mais presentes na nossa existência. Mas, a autora ressalta que o digital se caracteriza enquanto “profundamente situado e não comporta nenhuma universalização” (PAVEAU, 2021, p. 27). Ou seja, este deve ser abordado em sua análise ecológica de forma específica, levando em consideração o todo que o compõe. Essa noção de análise, proposta pela francesa, se caracteriza enquanto o ideal no que diz respeito ao entendimento dos discursos nativos digitais. Segunda a autora: “O trabalho apresentado nesta obra é uma resposta a essa necessidade de inventar novos conceitos, ferramentas e limites para dar conta do funcionamento dos discursos nativos digitais da internet numa perspectiva qualitativa e ecológica.” (PAVEAU, 2021, p. 28)

A pesquisadora caracteriza o discurso digital enquanto produções que sejam produzidas na e pela internet de forma on-line, independente dos artificios/métodos que vem a ser utilizados. A partir dessa noção, Marie-Anne (2021) coloca que muitas das pesquisas que trabalham com produções nativas digitais acabam por focar em uma visão logocêntrica, ou seja, observam exclusivamente a linguagem e colocam de lado o ambiente na qual essas são produzidas. Assim, esses(as) pesquisadores(as) criam um dualismo em suas análises, ao não considerar os meios em que estas produções são elaboradas. A autora apresenta que isso acarreta uma marginalização da máquina e uma visão estereotipada da língua.

⁵ Para Paveau (2021, p. 28), discursos nativos digitais são “produções elaboradas on-line, quaisquer que sejam os aparelhos, as interfaces, as plataformas ou as ferramentas da escrita”

A marginalização da máquina, considerada um componente extralinguístico, leva a trabalhar com formas necessariamente estereotipadas da língua e não sobre com formas singulares, compósitas, mistas, repletas de ruídos e de impulsos do mundo, de discursos empíricos nativos do universo digital. as abordagens que integram plenamente a máquina são raras. (PAVEAU, 2021, p.30)

Dessa forma, o trabalho que envolve essas produções implica em romper com noções dicotômicas, sejam elas uma visão logocêntrica da linguagem ou antropocêntrica da máquina. Mas, sim, integrar uma perspectiva ecológica na tentativa de reconhecer a importância de outros agentes nas produções linguísticas humanas. Nesse sentido, a analista do discurso expõe que as máquinas são responsáveis pela existência dessas produções languageiras, mas também partem das intencionalidades de seus usuários.

Antes de tudo, é a própria natureza da linguagem e de suas manifestações que é questionado: on-line, já não são propriamente os escritores e os locutores que escrevem e falam, mas, para ser breve, são as máquinas e seus programadores que permitem que as produções linguísticas, fruto da intencionalidade dos sujeitos, sejam realizados e adequirem uma existência (HERRENSCHMIDT, 2007 apud PAVEAU, 2021, p.33)

Essa noção de intencionalidade do sujeito e de criações a partir das máquinas é de extrema importância para nossa pesquisa, uma vez que é nela que amparamos nossa crença de que as ferramentas do aplicativo Grindr podem levar a fortificações de padrões e exclusões de outros. Para isso, já não é mais válido colocar o sujeito/usuário como único causador de exclusões e fortificações de padrões, uma vez que as ferramentas disponibilizadas pelo aplicativo influenciam diretamente nas construções psíquicas dos usuários.

Tomando o que foi exposto, podemos perceber que o ambiente se concretiza como peça de extrema importância na análise dos discursos digitais. Dessa forma, ela concebe enquanto ambiente o conjunto de dados, sejam eles humanos ou não, pelos quais os discursos são produzidos. E ao considerar esta noção, central na análise do discurso digital, o pesquisador passa a adotar uma abordagem pós-dualista. Uma vez que se compreende que o agente enunciativo se encontra distribuído no ecossistema digital (PAVEAU, 2021 p. 50).

Percorrendo a obra, nos deparamos com um verbete fundamental para nosso projeto: *Ciberviolência discursiva*. Paveau (2021) introduz a noção de ciberviolência, conceito bastante utilizado em diversos veículos governamentais e midiáticos, e pontua que a noção de decência é intrinsecamente situacional, ligado a época, valores e cultura. Tais valores também se apresentam no meio digital. Logo, o objetivo na análise da ciberviolência é compreender as especificidades que tais transgressões apresentam no universo on-line.

Portanto, a autora ao longo do verbete adota um método de classificação dos tecnôgêneros⁶ e das modalidades tecnodiscursivas⁷ capazes de produzir violência verbal, apontando que as modalidades destacadas são nativamente digitais e incapazes de serem produzidas fora desses espaços. O verbete expõe uma quantidade expressiva de tipologias tecnodiscursivas violentas, por exemplo: *Fleming* (ataques verbais), *harassment* (assédio), *denigration* (difamação), *exclusion* (banimento ou redução), entre outros. Mas, optamos por listar apenas alguns sobre os parâmetros tecnodiscursivos e as respostas tecnodiscursivas apresentados na obra, pois acreditamos que esses atendam as nossas hipóteses.

O primeiro parâmetro discursivo apresentado se trata da noção de **anonimato-pseudononimato**: neste parâmetro a autora considera que no meio on-line existe uma maior possibilidade de elaboração e gestão de perfis, podendo serem severamente nocivas. Para isso ela discorre sobre algumas características do anonimato-pseudononimato:

- O efeito de ausência e a cultura do quarto: Nesta noção se compreende que o ambiente do quarto, diretamente ligado ao pseudononimato, ausência física e a falta de supervisão, criou condições propícias para elaboração de ataques verbais no ambiente on-line.
- Efeito *cockpit*: Menciona que o agressor, devido a falta de contato com sua vítima, se torna incapaz de exercer a empatia. A noção de presença e ausência de interlocutor possibilita a alteração nos esquemas enunciativos habituais,
- Deslocamento da relação de poder: A autora aponta que no interior das relações digitais existe uma alteração na relação de poder. O domínio passa a ser exercido, nesse sentido, por quem detém o conhecimento tecnológico. Ou seja, as clássicas definições de relações de poder são muito mais relativas dentro do ambiente digital.
- Inesperabilidade: Caracteriza-se pela noção fundamental que o aparelho assume dentro da abordagem pós-dualista do discurso digital e da sua ligação obrigatória com os usuários. Em outras palavras, os aparelhos tecnológicos são inseparáveis dos seres humanos na atualidade. Isso possibilita que a violência on-line passe a ser quase que inevitável.
- Viralidade: Garante a ciberviolência uma rapidez em sua propagação devido a expressiva quantidade de emissores e receptores.

⁶ Termo utilizado para designar gêneros que se criam em um ambiente digital.

⁷ Compreende-se enquanto modalidades discursivas criadas em ambiente digital

Além dos parâmetros tecnodiscursivos ligados à produção de discursos violentos, Paveau (2021) lista parâmetros que se caracterizam enquanto resposta para a ciberviolência produzida. Vejamos:

- *Flame wars*: Consiste em respostas relacionadas a mensagens de ódio, que acabam por desencadear uma discussão mobilizando vários usuários da rede.
- Silêncio, bloqueio, ocultação, banimento: O primeiro desses três é a possibilidade do silêncio diante de um ato violento on-line; como também o usuário dispõe da ferramenta de bloqueio em diversas plataformas - inclusive no Grindr. Essa possibilidade de bloqueio permite que diante de determinadas situações o usuário venha vetar a interação com outro internauta; além dessas opções, há, ainda, o banimento de usuários que desobedecem a normas de convivência on-line. Ligado ao silêncio, esta modalidade visa restringir o acesso a um conteúdo coletivo de dada plataforma.
- Denúncia, *outing*: Se caracterizam pela tentativa de criar respostas através de ferramentas nativas ambiente on-line. A denúncia compreende um gesto tecnodiscursivo para indicar, utilizando artifícios disponibilizados pelas plataformas, conteúdos/gestos desviantes; *outing* está diretamente ligado a uma noção sexual, este termo corresponde a expor a orientação sexual de determinado internauta devido a ações transgressoras.

Por fim, torna-se evidente a importância da teoria proposta por Marie-Anne (2021) para o desdobramento de várias análises dentro de nosso projeto. A analista do discurso estrutura uma obra teórico-metodológica dentro do campo linguístico capaz de ultrapassar as barreiras desta área e possibilita uma noção ecológica ligada a várias áreas do conhecimento para pensar as produções digitais. Assim, integrar esse caráter pós-dualista do universo on-line se faz de extrema importância para um entendimento amplo do funcionamento das ferramentas que integram o ambiente do aplicativo GRINDR e dos significados que essas são capazes de produzir de forma ecológica.

6. METODOLOGIA

Na busca por melhor atender os objetivos propostos, nosso projeto optará pela abordagem de pesquisa qualitativa, uma vez que tal método nos permitirá uma abordagem mais subjetiva ao analisar os dados que virão a ser coletados. Tal abordagem, tal como definida pela antropóloga Mirian Goldenberg, é marcada pela imersão profunda:

A quantidade é, então, substituída pela intensidade, pela imersão profunda— através da observação participante por um período longo de tempo, das entrevistas em profundidade, da análise de diferentes fontes que possam ser cruzadas — que atinge níveis de compreensão que não podem ser alcançados através de uma pesquisa quantitativa. O pesquisador qualitativo buscará casos exemplares que possam ser reveladores da cultura em que estão inseridos. O número de pessoas é menos importante do que a teimosia em enxergar a questão sob várias perspectivas (GOLDENBERG, 2004, p. 50).

Igualmente, conforme sustentam Miller e Horst (2015, p. 108), este trabalho assenta-se no grande campo da Antropologia digital, uma vez que "a Antropologia é uma das poucas disciplinas equipadas para imergir a si no processo pelo qual a cultura digital torna-se cultura normativa e entender o que ela nos diz sobre ser humano". Para isso, fazer uma etnografia digital requer "a presença efetiva do etnógrafo on-line [que] não se dá simplesmente com o *login* na plataforma; é preciso ser aceito na rede tanto para observá-la como para interagir com outros participantes, nos termos praticados naquele espaço" (CAVALCANTE DOS SANTOS, 2021, p. 4).

Ainda, cabe pontuar que, como se trata de uma pesquisa etnográfica em ambiente virtual, será necessário rever as técnicas empregadas para a pesquisa

As chaves que abrem a compreensão das tecnologias da comunicação estão na adaptação das técnicas metodológicas que se dão pela aproximação integral ao campo de estudo, explorando-o para entender como as atividades se dão em redes sociais e quais os sentidos e símbolos que fazem os usuários se engajarem em certas páginas ou comunidades online. Reconhecendo, desse modo, a fluidez do campo em conexão online, baseado em um ambiente de grande potência para emergência de construções que refletem fortes aspectos de nossa cultura ocidental e de mercado. Este exercício na prática da pesquisa consegue olhar as diferentes escalas de análises para os diferentes tópicos que vão se manifestando entre as instâncias online e offline (Alves & Ferraz, 2017, p. 18).

Em linhas gerais, tendo como pressuposto que o aplicativo disponibiliza diversas ferramentas, nosso primeiro trabalho será categorizar essas ferramentas em: ferramentas interação; ferramentas auto-descrição; ferramentas de ações. Com o intuito de listar como essas ferramentas estão dispostas no ambiente que integra o aplicativo. Essa categorização será

disposta em uma tabela, com a finalidade de melhor agrupar as ferramentas que se relacionam de acordo com as categorias que indicamos. Essa categorização será fundamental para o desenvolvimento dos outros objetivos que seguem posteriores a esse.

Após o procedimento inicial de categorização, partiremos para a verificação destas ferramentas, na tentativa de atender nosso segundo objetivo proposto. A verificação seguirá o mesmo método adotado no primeiro momento. Selecionaremos a partir das ferramentas dispostas na tabela, de acordo com as categorias estabelecidas, ferramentas que possivelmente apontam para o fortalecimento de padrões identitários hegemônicos, podendo notabilizar características tidas enquanto desejáveis/ideais.

Concluído os procedimentos de categorização e posteriormente a verificação com base nos métodos estabelecidos, partiremos para o terceiro ponto ligado ao nosso último objetivo da pesquisa. Tendo como foco a verificação feita anteriormente, buscaremos examinar, a partir da agrupagem das ferramentas, quais delas operam para o possível fortalecimento de padrões mencionados e podem contribuir para processos de exclusão e violência. Com isso, pretendemos examinar também como as ferramentas selecionadas podem muitas das vezes colocar determinados corpos enquanto desejados, em detrimento a outros que passam a configurar um local subalterno de não desejo dentro da plataforma.

Acreditamos em uma análise ecológica de todo o sistema do aplicativo, assim como define Paveau (2021). Para isso, se faz necessário que o pesquisador tenha o mínimo de conhecimento técnico sobre a interface e do funcionamento dos mecanismos digitais que estão sendo estudados. Todavia, é fato que esses ambientes são extremamente voláteis e aptos a constantes mudanças e atualizações. Como forma de melhor apresentar esse ambiente, optamos por tirar capturas de tela, como forma de apresentar o mínimo do ecossistema do aplicativo. Tais capturas, serão realizadas através de aparelhos que possibilitem a utilização do aplicativo GRINDR, privilegiando a utilização de celulares ou *tablets* que operem nos sistemas IOS ou ANDROID.

O movimento metodológico proposto ao longo deste tópico, tem como finalidade central atender a nossa questão geral: as ferramentas de descrição e interação do aplicativo de socialização homossexual Grindr podem vir a fortalecer padrões e levar a um mecanismo de violência e/ou exclusão para os usuários? Acreditamos, assim, que a metodologia escolhida, qual seja, etnográfica, alinhada com técnicas de análise de discurso, nos fornecerá os recursos necessários para responder este questionamento.

7. CRONOGRAMA

Atividades	jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Leituras	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	
Coleta de dados do objetivo específico 1		x										
Coleta de dados do objetivo específico 2		x										
Coleta de dados do objetivo específico 3		x										
Análise de dados do objetivo específico 1			x	x								
Análise de dados do objetivo específico 2				x	x							
Análise de dados do objetivo específico 3					x	x						
Escrita da monografia							x	x	x	x	x	
Defesa da monografia												x

REFERÊNCIAS

- BIANCHI, E.; MAIA, J. L. A. . **Tecnologia de geolocalização**: Grindr e Scruff redes geossociais gays. Logos (UERJ. Impresso), v. 2, p. 1-15, 2014.
- BUTLER, Judith. **Corpos que pensam**: Sobre os limites discursivos do sexo, In LOURO, G; O corpo educado. Belo Horizonte: Autêntica, Editora, 2019. p. 191-219.
- CAVALCANTE DOS SANTOS, Sheila. Tinder: uma etnografia sobre encontros socialidades e experimentações de si. **Mana**, 27(2), 1-33, 2021.
- DUTRA, Carlos & ORELLANA, Flora. "Selfies no Tinder: masculinidades hegemônicas como performance". **Chasqui**. Revista Latinoamericana de Comunicación, n. 135, agosto - noviembre, 2017
- FERRAZ, Claudia Pereira & ALVES, André Porto. **Da etnografia virtual à etnografia online. Deslocamentos dos estudos qualitativos em rede digital**. Anais do 41o Encontro Anual ANPOCS, 2017.
- GREEN, James N. **Além do carnaval**: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX / James N. Green; traduzido por Cristina Fino; Cássio Arantes Leite, - 2 ed. - São Paulo: Editora Unesp, 2019. Tradução de Beyond Carnival. Male Homosexuality in Twentieth-century Brazil.
- GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**. Como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. Rio de Janeiro: ED. Record, 2004.
- MILLER, Daniel & HORST, Heather A. "O Digital e o Humano: prospecto para uma Antropologia Digital". **Parágrafo**, 2 (3), 2015.
- MISKOLCI, Richard. **Desejos digitais**: uma análise sociológica da busca por parceiros online. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. v. 1. 303p
- MISKOLCI, Richard. **O Armário Ampliado**: notas sobre sociabilidade homoerótica na era da internet. *Gênero*, v. 9, p. 171-190, 2009.
- PAVEAU, Marie-Anne. **Análise do discurso digital**: dicionário de formas e das práticas; 1. ed.- Campinas, SP: Pontes Editores, 2021.
- SANTOS, Hugo. "**Só masculinos, bichas abstenham-se**": o GRINDR como espaço de (re)produção da homonormatividade. *Sociologia on-line*, nº 22 , 2020, p 11-29.
- SARAIVA, L. A. S.; SANTOS, L. T. ; PEREIRA, J. R. . **Heteronormatividade, masculinidade e preconceito em aplicativos de celular**: o caso do Grindr em uma cidade brasileira. *BBR. BRAZILIAN BUSINESS REVIEW (EDIÇÃO EM PORTUGUÊS. ONLINE)*, v. 17, p. 114-131, 2020.

ZAGO, L. F.. 'Armários de vidro' e 'corpos-sem-cabeça' na biossociabilidade gay online. Interface (Botucatu. Online), v. 17, p. 419-432, 2013

ZAGO, L. F.; SEFFNER, F. . **Masculinidades disponiveis.com** - sobre como dizer-se homem gay no ciberespaço. In: Seminário internacional Fazendo Gênero 8, 2008, Florianópolis. Seminário Internacional Fazendo Gênero Corpo, Violência e Poder. Florianópolis: Mulheres, 2008